



SEXUALIDADE HUMANA E ORGASMO SEXUAL

Maria Edvania de Oliveira Fagundes¹

RESUMO: As reflexões deste artigo foram baseadas em pesquisas bibliográficas sobre o orgasmo, na perspectiva de W. Reich e outros autores com relevante conhecimento sobre a sexualidade humana e as contribuições para a saúde do indivíduo, as quais buscaram identificar a função do orgasmo sexual, falando um pouco sobre como o processo civilizador pode bloquear a capacidade de sentir orgasmo. Foi constatado que as pessoas que tiveram padrões educacionais muito rígidos são mais vulneráveis a problemas na área sexual, em especial as mulheres. Verificou-se também que o orgasmo tem a função de liberar a energia sexual represada no corpo, favorecendo a preservação da saúde psíquica do indivíduo. O percurso sobre a literatura pesquisada possibilitou verificar que o orgasmo é fonte de vida e bem estar.

Palavras-chave: Orgasmo Sexual. Saúde. Processo Civilizador.

HUMAN SEXUALITY AND SEXUAL ORGASM

ABSTRACT: The reflections of this article were based on research literature on the orgasm, in view of W. Reich and other authors with relevant knowledge about human sexuality and contributions to the individual health, which sought to identify the function of sexual orgasm, talking a little bit about how the civilizing process can block the ability to experience orgasm. It was found that people who had very strict educational standards are most vulnerable to sexual problems in the sexual life, especially women. There was also checked that orgasm has a function to release the sexual energy dammed in the body, favoring the preservation of the individual mental health. The route on the literature has found that the orgasm is the source of life and well being.

Key words: Orgasm Sexual. Health. Civilizing Process.

¹ Psicóloga Formada pela Faculdade Pio Décimo, em 2008. E-mail: tutuaju@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Este estudo discorre sobre a sexualidade humana e a função do orgasmo, traçando uma relação sobre o impacto à saúde, buscando identificar a influência, ou os benefícios, do orgasmo na qualidade de vida. Além disso, interessa apontar se há ou não alterações no comportamento humano a partir da satisfação ou insatisfação sexual, ou seja, se a vida sexual do indivíduo reflete algum tipo alteração no comportamento. Para tanto, é fundamental que se discuta com alguns estudiosos da área da sexualidade humana a fim de dar a este estudo um caráter genuíno. Igualmente, julga-se fundamental pontuar algumas considerações históricas sobre a sexualidade humana. A respeito dessas considerações, poder-se-ia formar uma discussão desde a Pré-História, não faltariam questões pontuais e interessantes a tratar, mas para não se alongar, busca-se avançar um pouco mais no tempo.

Assim se dizer que os séculos XVIII e XIX foram férteis nas discussões dos assuntos ligados ao sexo, antes restrito à Igreja (SEIXAS, 1998). Isso pode ter dado fôlego às discussões da sexualidade humana ao longo das últimas décadas, mas, como postulou Reich (1986), a neurose adquirida pelo sujeito durante o processo civilizador, base da educação e formação do caráter não contribuiu na mesma velocidade.

O processo civilizador, o qual, seguindo a leitura de Norbert Elias (1994), se pode definir como um fenômeno de desenvolvimento cultural, de mudanças dos modos de convivência e existência dos humanos. Esse movimento envolve o processo de formação da personalidade dos indivíduos, que está implicada a consciência e autocontrole desses indivíduos. A educação oferecida na sociedade constitui uma mudança de conduta e sentimentos onde se pode atribuir certo recalque gradual de alguns instintos, devido a essa educação passada pelo estado.

Discutir sobre questões ligadas a sexualidade humana, precisamente sobre o orgasmo sexual, é uma curiosidade e também uma preocupação mobilizada a partir da leitura dos trabalhos de W. Reich sobre a função do orgasmo. Pois este cientista chegou a afirmar que uma vida sexual insatisfatória pode ser a causa de muitas doenças e, por outro lado, a literatura tem mostrado que muitas pessoas, além de não ter boa qualidade nas relações sexuais, não chegam até o orgasmo, elemento sublime da relação sexual, segundo Reich.

De acordo com o pensamento deste autor muitas dessas pessoas adoecem devido à má qualidade das relações sexuais, que os impossibilitam de terem uma vida amorosa natural a qual seria importante para livrá-los das neuroses de caráter e da peste emocional, que reflete negativamente no fator emocional dos indivíduos. A “peste emocional” foi denominada por Reich como uma espécie de doença que ataca a capacidade do indivíduo amar. Isto é, ataca a função emocional assim como uma doença ataca o sistema imunológico, comprometendo a capacidade de satisfação sexual do indivíduo.

A fim de responder as inquietações sobre este assunto, buscou-se na literatura o arcabouço teórico já tratado por alguns estudiosos sobre essa peculiaridade da vida sexual do indivíduo, considerando a obra de Reich como pedestal epistemológico, ou seja, tomado como a base do conhecimento científico que sustenta e discute outras teorias. Por isso, após as primeiras considerações gerais, é primazia discorrer sobre as idéias desse autor. E, para tanto, discutir-se-á sobre a temática no período histórico dos séculos mais recentes.

IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

SEXUALIDADE NA IDADE MODERNA

Na Idade Moderna, durante os Séculos XV a XVIII, houve um período



denominado democratização de idéias, em que as pessoas poderiam discutir suas concepções, inclusive sobre sexo com outras pessoas, uma forma de livre expressão do pensamento e, nesse período, falar sobre sexo e sexualidade era uma questão muito comum. Essa democratização de assuntos relativos ao sexo teve destaque na Europa e França. Nos Estados Unidos, diferentemente, houve uma perseguição às mulheres devido a uma ideologia religiosa (SEIXAS, 1998). Essa perseguição se deu pelos puritanos.

O puritanismo designava uma concepção da fé cristã desenvolvida na Inglaterra por protestantes radicais após a reforma protestante. Os adeptos dessa seita religiosa eram bastante rígidos nos costumes, sobretudo quanto ao comportamento sexual, por isso tentavam evitar a difusão de assuntos relativos ao sexo (PANIZA, 2007).

Essa forma de estancar o discurso sobre o sexo, pelos puritanos, por exemplo, pode ser entendida como uma via de repressão social e adoecimento, porque a repressão é um fenômeno que causa as neuroses que impede a liberação das energias vitais. Para Seixas a Idade Moderna foi uma época de extensão dos costumes medievais recatados, mas que a reforma protestante possibilitou tornar alguns deles menos rígidos como o divórcio, por exemplo.

A repressão social praticada por alguns e vivenciada por outros, nesse período, demonstra que o tratamento dado à questão sexual provocou uma conturbação na forma de perceber a intimidade sexual nas relações e, a primeira vista, esse modelo experimentado parece distante da perspectiva ideal do ponto de vista profilático à vida sexual do indivíduo e de acordo com o postulado na literatura, pois que se perdurou, ainda, por outras épocas até a atualidade.

SEXUALIDADE NA IDADE CONTEMPORÂNEA

Ainda na Idade Contemporânea, a partir do Séc. XVIII pontuou Seixas (1998), o

modelo de repressão continua sendo mantido sem muitas novidades, sem haver um deslocamento progressivo sobre o discurso sexual e sua importância para a saúde. A relação entre o homem e a mulher ainda se dá pela dominação de um sobre o outro, ou seja, do homem sobre a mulher.

Depois da abolição de 1988, disse Seixas, a mulher brasileira teve sua sexualidade reprimida por força do estado que buscava exaltar a sexualidade conjugal, visando não transmitir doenças sexuais e contaminar o feto, por ocasião da gravidez, pois assim acreditavam que era possível. Em seguida tenta-se estimular a vida sexual dando uma conotação de obrigatoriedade cível do gozo individual, não porque era importante para a vida, mas por receio de a mulher, através da automasturbação, provocar dano ao feto. Fatos assim dão demonstração de que existe um controle social através do corpo, sobretudo do corpo feminino e reforça a repressão sexual já propalada em outrora a exemplo da Idade Média.

O pensamento de Foucault (1984) e Seixas (1998) aflui na mesma direção quando se referem à proliferação de discursos sobre sexo durante o século XVIII. Para eles o próprio poder incitou essa disseminação de discursos, através de instituições como a família, Igreja, escola e comunidade médica. Foucault alegou que essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual, mas, sim, o controle do indivíduo e da população. Todavia isso leva a crer que, apesar de se haver alguns canais de discussão sobre o sexo, a forma de tratar do assunto não foi suficientemente pensada para fortalecer a intimidade sexual das pessoas e prevenir a repressão.

Mesmo assim, ao dizer sobre a incitação do poder, Foucault não nega que o sexo tenha sido reprimido. Em dizer que durante o século XVIII e, principalmente, no século XIX houve uma dispersão dos discursos pontuais sobre o sexo, antes restritos à Igreja, sinalizou que tal discussão tomou forma diversificada seja na psiquiatria,



justiça penal, demografia ou política, que passaram a preocupar-se com a questão sexual.

Discorrido sobre o processo histórico da sexualidade humana, ainda que de maneira bem sintética, parece sobrar razões para o discurso de W. Reich sobre a temática inicial e seus desdobramentos. O foco, todavia, deve convergir em torno da sexualidade e do orgasmo sexual como fenômeno vital e, nesse sentido, Reich buscou provar e houve uma grande repercussão à sociedade da época.

REICH E A QUESTÃO DO ORGASMO

Primeiramente cabe definir o que seja o orgasmo. Ximenes (2000) o definiu como o mais alto grau de excitação dos sentidos no ato sexual. Portanto, o prazer físico mais intenso que um ser humano pode experimentar. Reich amplia esse conceito para o de potência orgástica, que significa a possibilidade de entrega na vida, caracterizando uma estrutura de vida saudável do indivíduo. Com sua teoria sobre o orgasmo sexual Reich decididamente buscou quebrar as barreiras do tabu sexual através de seus estudos, provocando inquietação em algumas instâncias como, por exemplo, na esfera médica e religiosa. Há quase um século quando Reich começou seus trabalhos sobre a educação sexual e neurose o assunto causava espanto à sociedade da época, sobretudo, ao recorte social dominante que vigiava incessantemente as condutas sexuais, fossem nas famílias, na Igreja ou escolas. Apesar de ter sido muito criticado pela sua 'ousadia' em tratar de um assunto notadamente censurado, sua teoria sobre o orgasmo é aceita até os dias atuais, além de ser referência para muitos outros estudos sobre sexualidade humana (LOWEN, 1988).

Para Reich (1986) o orgasmo está relacionado à neurose, cuja maior fonte de formação é a repressão social e cultural dos instintos naturais e da sexualidade durante as três primeiras fases do desenvolvimento da

vida: infância, puberdade e idade adulta. Para ele a plenitude orgástica está condicionada à dissolução das couraças, formada durante processo civilizador. Bueno (2001) concorda que muitos problemas na sexualidade humana têm sua nascente no processo civilizador nas instâncias sociais as quais o indivíduo se insere como política, cultura, religião e educação, por exemplo. Ele também mencionou que isso tudo tem grande implicação negativa na saúde no que se refere a distúrbios psicossomáticos.

Retomando a questão das couraças Reich as descreveu como a soma das forças defensivas repressoras, que são organizadas na estrutura do ego. Essas forças são uma tensão que bloqueia a passagem do fluxo energético e biológico, deixando, assim, o corpo tenso, envelhecido e doente. Esse processo ocorre devido às proibições, medos e também pela educação sexual repressora passada pelos pais, escolas e religião, instalando-se, assim, as neuroses como consequência desse modelo de educação. Até aqui o que Reich faz é uma leitura crítica do modelo de educação e formação do caráter do indivíduo durante a vida, por meio de suas investigações.

Como pesquisador estudioso, Reich descobriu que os pontos vulneráveis para instalação dessas couraças são os olhos, boca, pescoço, tórax, diafragma, abdômen e pélvis, respectivamente. Para livrar-se delas, sinalizou, será necessária a efetiva quebra dos sete seguimentos de armadura chamados por ele de anéis, ou seja, uma espécie de energia negativa que bloqueia a passagem da energia positiva que circula em movimento vertical de baixo para cima do corpo humano, nos sete pontos já descritos, através de exercícios atacando diretamente os músculos. Tais exercícios variam desde beliscões, tapas, tosse até as tentativas de vômitos, como meio para mobilizar os segmentos encouraçados.

Antes disso, disse Reich, os indivíduos não expressam suas emoções biológicas mais primitivas: o gozo pleno. A cura da neurose permite a evolução do



orgasmo restrito aos genitais impedidos de evoluir pelo corpo e que se dá, efetivamente, pela potência orgástica. Isto é, “(...) a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo” (REICH, 1986 p. 94).

O autor assinalou que a potência orgástica garante o equilíbrio da energia e, conseqüentemente, um estado de paz interior. Dessa forma, para manter um grau satisfatório de saúde psicológica e física é, pois, imprescindível uma vida sexual saudável. De acordo o pensamento de Reich a pessoa orgasticamente impotente, experimenta um esgotamento obscuro, desgosto, repulsa, aborrecimento ou indiferença e que a insônia é uma das características marcantes de problemas relacionados à insatisfação sexual. No contorno dos problemas psíquicos, sobretudo na mulher, Reich disse que

A gravidade de todas as formas de enfermidade psíquica está diretamente relacionada com a gravidade da perturbação genital. As probabilidades de cura e o sucesso da cura dependem diretamente da possibilidade de estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena [...] A perturbação da capacidade de experimentar satisfação genital, de experimentar aquilo que é o fato natural por excelência, mostrou que era um sintoma sempre presente nas mulheres e raramente nos homens (REICH, 1986, p. 90).

OUTROS OLHARES SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA

Além de Reich se encontrou, em alguns outros teóricos, importantes compreensões sobre a dinâmica sexual dos

indivíduos. Dentre eles, destaca-se Osório (2002) o qual propôs que o sexo é uma importante fonte de prazer físico e bem-estar psicológico, não apenas o sexo coital com fim em si, e sim como elemento gerador da energia vital. Este autor fez menção à energia vital, já postulada por Reich, mas não menciona o orgasmo como elemento fundamental à liberação dessa energia vital que fica represada, caso o orgasmo não aconteça. Se assim, ao contrário do que Reich descobriu, o indivíduo não pode gozar de boa saúde psíquica, pois que fica preso à neurose possibilitando o adoecimento.

Do mesmo modo Back (2005) surgiu afirmando que, de acordo com o a Organização Mundial de Saúde (OMS), a atividade sexual de boa qualidade ou a felicidade sexual é condição básica de excelência na promoção da saúde humana. De sorte que a ausência do prazer sexual pode desencadear problemas como depressão, mau humor, insônia e outros problemas. Para completar disse, também, que a anorgasmia pode comprometer a saúde do indivíduo. Essa idéia de Back converge com o pensamento de Reich sobre a condição de o indivíduo garantir boa saúde psíquica e livrar-se das doenças.

Back estimou que mais de 50% das mulheres sofrem de anorgasmia. Para ele, assim como para Reich, o sintoma anorgásmico é mais presente na mulher do que no homem. Nesse quesito as mulheres sempre foram e ainda são mais difíceis de atingir o orgasmo, pois, ao que parecem, as zonas eróticas feminina são mais complexas e difusas em relação aos homens, afirmou Back. De todo modo, cabe saber o porquê dessa nebulosidade em relação ao gênero. Será que tem nascente biológica, psicológica ou aparece devido ao processo civilizador e a educação da mulher? Eis, então, uma nova proposta de investigação.

Mas não foi somente em Back que se constatou expressivo número de pessoas com problemas sexuais. Neiva (*apud* ALMEIDA *et al.*, 2005) já havia encontrado



resultados semelhantes, sobre a vida sexual das mulheres brasileiras, os quais Back pode confirmar. Se para Neiva a sexualidade humana é considerada uma das necessidades básicas, assim, pois, considerou então se deve vivenciá-la com qualidade. Mas de longe se percebe que as pessoas hoje em dia, embora estejam com mais maturidade em relação ao sexo, continuam confusos sobre o seu papel. Isso encontra sustentação em Lowen (1988) quando sinalizou que, apesar de haver uma vasta literatura sobre o sexo, não há técnicas de esclarecimento para enfrentar a infelicidade sexual. Fato que incorre em uma pseudo-evolução da sexualidade que mais parece um embuste insistindo os conflitos e as ansiedades sexuais.

Menezes (2000) considerou o desconhecimento do próprio corpo pelas mulheres e pelos homens como sendo um dos maiores problemas para o orgasmo. Não seria prudente pensar que a mulher já se conheça perfeitamente quanto às zonas de prazer sexual, por ser na fase da adolescência a fase em que os indivíduos, pelo processo natural, começam as descobertas das zonas eróticas, através da automanipulação? Daí emana outra questão. Quem não conhece quem? Ou as relações entre pares estão comprometidas pelas relações sociais as quais fazem parte? Essas questões parecem intrigantes, sobretudo quando se nota que há foco sobre a pessoa do sexo feminino como Veiga (2007) enfatizou. Esta autora mira o foco na figura da mulher a qual deve empreender curiosidade sobre o seu corpo e passar a se conhecer mais. Muito embora também se refira ao casal, alertando que o diálogo focal deve fazer parte da relação sexual, antes, debruça-se sobre a mulher.

Questões assim permitem entender que está faltando, sim, diálogo e conhecimento por parte de cada um dos parceiros, em relação ao outro, sobre as regras do prazer. Pois que, se é verdade que cada pessoa sabe das suas zonas de prazer, resta apenas esse conhecimento pelo seu parceiro ou parceira para uma efetiva relação sexual

eficaz. Disso tudo se pode concluir que para se chegar ao orgasmo é preciso mesmo desbravar um caminho alheio e o “orgasmo neste sentido nada mais é do que a área mais sensível das relações humanas que alguém pode encontrar [...]” (BOADELLA, 1985 p. 27).

Reich diria, talvez, que um casal com problemas sexuais estaria no processo de encouraçamento, retendo energia vital e que careceria de uma terapia corporal para libertar-se da neurose sexual. Esse pensamento seria o equivalente ao diálogo entre o casal, proposto por Veiga. Então Boadella (1985) veio reforçar o que fora dito por Reich, dizendo que tão logo as pessoas renunciavam à sua couraça, desenvolviam potência orgástica e mudavam o funcionamento neurótico, desenvolviam capacidade de auto-regulação.

Foi Menezes quem afirmou que o desconhecimento do corpo gera relevante prejuízo na obtenção do orgasmo sexual, primeiramente por causa dos paradigmas do sexo e pelo alarde produzido pela mídia; segundo porque, depois de décadas de silêncio em vez de descortinarem o mito do orgasmo, ele continua dissimulado como uma sensação quase impossível de atingi-lo: perder os sentidos, ver estrelas, ir aos ares dentre outras denominações bizarras. Ao invés de contribuir com a evolução, confunde-se mais. Nesse sentido Veiga concorda com Menezes e também sintetiza sua crítica à maneira de se perceberem as sensações orgásticas.

Voltando a Menezes, este chamou a atenção àqueles que controlam a ejaculação - o orgasmo, para esperar a vez da parceira ou para mostrar-se potente no desempenho sexual, pois que o controle da ejaculação prejudica a saúde, porque atrapalha a resposta do organismo que se preparou durante todo o processo excitatório produzindo uma explosão de substâncias que serão liberadas no orgasmo. Este indivíduo controlador da energia vital Lowen o chamou de sujeito sofisticado, pelo fato de ele estar mais preocupado com o seu desempenho sexual, no



sentido de causar impressão a si e ao outro e a elevação desse outro ao clímax sexual, mais do que com sua própria subjetividade sexual. A crítica de Lowen à sofisticação sexual é considerá-la uma “barreira a maturidade sexual” e segue afirmando que tal barreira “[...] deve ser eliminada para que nossa liberdade sexual possa chegar ao prazer e à alegria de viver e de amar” (LOWEN, 1988, p. 17).

Até aqui se fez algumas considerações acerca da vida sexual do indivíduo e como as conseqüências da qualidade da relação sexual pode refletir nele próprio, ou seja, na sua saúde. Nesse sentido podemos verificar que o orgasmo tem a função de liberar a energia sexual represada no corpo, que dá origem aos vários tipos de mecanismos neuróticos, favorecendo a preservação da saúde psíquica do indivíduo, em concordância à teoria Reichiana. Foi possível verificar também que um dos grandes benefícios do orgasmo sexual é o restabelecimento do fluxo natural da bioenergia e, de forma geral, podemos dizer que a liberação da energia vital vai refletir diretamente no comportamento do indivíduo, pois que a satisfação sexual é a via régia da energia vital, que não deve ser contida como condição edificante à saúde do indivíduo, de acordo a leitura dos autores referenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura estudada, verificou-se que o orgasmo reflete benefícios à saúde do indivíduo. Para tanto é preciso que este seja orgasticamente potente, isto é, tenha a capacidade de expressar suas emoções biológicas. O indivíduo orgasticamente potente é aquele que experimenta o gozo pleno, que está livre de inibições e abandona-se a um nobre sentimento natural do qual emana da excitação sexual.

Este estudo permitiu verificar que não somente o orgasmo é importante para a saúde do indivíduo, mas a troca de carícias e a oportunidade de uma vivência de intimidade

física com outra pessoa, para a manutenção da qualidade de vida. Concernente ao estudo das couraças, realizado por Reich, possibilitou perceber que como a mente o corpo reage às trapaças da vida, inteligentemente, criando mecanismos de defesa para se proteger e manter-se em homeostase. Por isso ele forma suas armaduras de defesa ao longo da vida, no processo de formação social, em interação com meio. As áreas de seleção de defesa do corpo, foi constatado, comprometem os sentimentos e as emoções, porque favorece uma espécie de anestesiamento desses sentimentos e emoções, no indivíduo. Esta é, pois, mais uma questão que merece elucidção: o que aconteceria com o corpo se ele não se protegesse contra os “ataques” da vida?

Nos meandros percorridos e estudados sobre a temática deste trabalho, vale ressaltar, não se encontrou nenhuma teoria que contrariasse a teoria relacionada ao orgasmo e neurose proposta por Reich. Dentre o que foi visto, é razoável crer que este autor chegou ao cerne da verdade, pois que muitos se referem a ele ratificando seu trabalho haja vista a falta de estudos mais aprofundados ou, talvez, sem novas comprovações que possam suplantar seus resultados. Convém mencionar, todavia, que embora se tenha percebido um esvaziamento de novos estudos voltados a novas compreensões, é salutar uma leitura atenta às observações feitas pelos estudiosos sobre a sexualidade humana e relações sexuais, no sentido de corroborar a saúde e a qualidade de vida pessoal.

Enfim, saber que o orgasmo tem a função de liberar a energia sexual represada no corpo, favorecendo a preservação da saúde psíquica e física, é salutar para que as pessoas, sexualmente ativas, possam analisar a qualidade das relações sexuais mantidas e praticadas e, assim, identificar os meios de lograrem os benefícios do gozo pleno. Tudo que foi posto pode contribuir, positivamente, na vida das pessoas na tentativa de ratificar o que já fora dito de várias maneiras e mostrar que o estudo científico possibilita conduzir os



indivíduos a trilharem na via que lhe for melhor. Ainda que se tenha embasado este estudo em fontes críveis, importa dizer que para tornar essas conclusões mais significativas é preciso ampliar as investigações, quanto ao tema estudado, por se tratar de um assunto complexo, além de que não é pretensão deste trabalho esgotar outras diferentes possibilidades sobre a dinâmica sexual entre indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Nilza Alves Marques; SILVA, Luciana Alexandre; ARAÚJO, Neide Maria de. *De Acadêmicas de Enfermagem Sobre Disfunções Sexuais Femininas*. (2005) Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 07, n. 2, p. 138 - 147. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br>> Acesso em: 26 de abr. de 2009.

BACK, Lolita Rivera. *Vaginismo*. (2005) [Online] Centro de Psicoterapia e Sexologia de Goiânia. Disponível em: <<http://www.mps.com.br/renascer/vaginismo.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2008.

BOADELLA, David, *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus editorial. (1985).

BUENO, Sonia Maria Villela. *Educação preventiva em sexualidade, DST – AIDS e drogas nas escolas – Pesquisa ação e compromisso social*. Ribeirão Preto. (2001). Tese (livre docência) Escola de Enfermagem de Ribeirão preto. Universidade de São Paulo.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (1994).

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. (M. T. C. Albuquerque, Trad.). São Paulo: Gral. (1984).

LOWEN, Alexander. *Amor e orgasmo: guia revolucionário para a plena realização sexual*. 3ª ed. São Paulo: Summus editorial. (1988).

MENEZES, Washington José Veras Pacheco de. *A sexualidade no terceiro milênio*. Aracaju: Gráfica editora J. Andrade Ltda. (2000).

OSÓRIO, Luis Carlos. *Casais e família: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artmed. (2002).

PANIZA, Alexandre de Lima. Da União Norte-Americana enquanto elemento necessário à consolidação das liberdades individuais nos Estados-Membros. *Rev. Bras. de Direito Constitucional*. n. 9. jan./jun. (2007)

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense. (1986).

REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. 2a. ed.. Martins Fontes: São Paulo. (1995).

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade Feminina: historia, cultura, família, personalidade & psicodrama*. SENAC: São Paulo. (1998).

VEIGA, Ana Paula. *Orgasmo: querer e poder*. (2007) Revista IGT na Rede, v. 4, n. 6, p. 22-31. Disponível em: <www.igt.psc.br>. Acesso em: 02 de mar. de 2009.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro, 2000.